Planeta **Kopenawa**

‘Sonhar a Terra-Floresta’, de Tainá De Luccas e Marco Altberg, chega ao circuito, com sessão na ABL, ampliando o espaço do xamã no planisfério audiovisual brasileiro

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



David Kopenawa dá nome e alma ao .doc ‘Sonhar a Terra-Floresta’, um abraço nas ancestralidades dos povos originários



‘A Queda do Céu’ estreou em Cannes e ganhou um par de troféus no festival do Rio

Há uma sabedoria indígena que o Brasil ainda não aprendeu a escutar na dimensão que ela merece. E talvez tenha chegado a hora de a síntese viva desse saber, o xamã Davi Kopenawa Yanomami, ganhar um lugar mais permanente no circuito audiovisual brasileiro. Respeitado como filósofo, escritor e liderança intelectual dos povos originários, ele ocupa hoje, nas telas (as variadas telas) um papel para além do de personagem das pautas ambientais e para (muito) além figura exótica a ser apresentada ao espectador urbano.

Seu lugar é o de pensador de uma civilização que tem muito a ensinar, sobretudo num momento em que a Humanidade parece empenhada em destruir as condições de sua própria sobrevivência. Essa é a discussão que chega ao circuito exibidor com “Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta”, documentário dirigido por Marco Altberg e Tainá De Luccas, que terá uma sessão especial na Associação Brasileira de Letras (ABL), no Rio, na terça-feira (17), com a presença de Ailton Krenak e dos realizadores. A estreia comercial está marcada para o dia 26.

A chegada do filme vem bem acompanhada por movimentações em outras latitudes. “A Queda do Céu”, de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha, centrado em Davi, está na Netflix. Em 2024, esse documentário levou ao planisfério cinéfilo a cosmologia Yanomami a partir do livro homônimo escrito pelo xamã em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert. Selecionado para a Quinzena dos Cineastas do Festival de Cannes, o longa encontrou no ritual Reahu, realizado na comunidade de Watoriki, uma forma de traduzir a relação entre os Yanomami, seus mortos, os espíritos xapiri e a floresta. Não se trata de ilustrar uma tese ambiental, mas de permitir que outra concepção de mundo organize a narrativa. O (merecido) reconhecimento internacional veio em forma de uma trajetória expressiva: o filme passou por cerca de 80 festivais e conquistou 25 prêmios, entre eles o Grande Prêmio do Júri da competição Kaleidoscope do DOC NYC, nos Estados Unidos; o Prêmio Especial do Júri do DMZ Docs, na Coreia do Sul; distinções de direção de documentário e som no Festival do Rio; além de troféus no Festival Internacional de Cinema de Guanajuato e no DocLisboa. Em 2025, também recebeu três prêmios da Associação Brasileira de Cinematografia, nas categorias de fotografia, montagem e som. É uma coleção de reconhecimentos que confirma a potência estética de uma produção cuja importância ultrapassa as fronteiras do cinema.

A circulação de “A Queda do Céu” ajudou a abrir uma janela para um pensamento que não pode ser confinado às páginas do libro de Kopenawa ou às discussões acadêmicas sobre a Amazônia. Em suas imagens, o xamã fala da invasão de territórios, do garimpo ilegal, da contaminação dos rios, das epidemias e da crise climática, mas sua reflexão vai além da denúncia. O que ele questiona é o próprio modelo de existência de uma sociedade que transforma tudo em mercadoria.

“Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Yanomami não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes”, observou Gabriela em reflexão ao Correio da manhã

É justamente aí que “Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta” encontra sua razão de ser. Construído a partir de entrevistas realizadas em diferentes momentos da trajetória do líder Yanomami, o documentário recupera a formação de sua consciência política, sua atuação como xamã e sua transformação numa voz internacional em defesa da floresta e dos povos originários. Ailton Krenak, Claudia Andujar, Gilberto Gil, José Celso Martinez Corrêa, Bruce Albert e Camila Pitanga estão entre os participantes. A montagem aproxima diferentes gerações e experiências, mas preserva Kopenawa como narrador de si mesmo e de seu povo.

Marco Altberg, que divide a direção com Tainá De Luccas, tem uma percepção muito clara do papel que o cinema pode exercer nesse encontro. “Com ele, a gente aprende a fazer arte ligada à Natureza, na qual ele é o narrador de si mesmo. A gente conhece vários mitos da Europa, mas desconhece a realidade dos povos originários. Queria levar às telas, com a Tainá, um filme que fizesse as pessoas saírem da sala informadas e entretidas”, afirma o cineasta.

É sempre importante ouvir o que Altberg tem a sugerir, seja nas dicas de filmes e séries que transmite em seu canal, o Like, seja nas reflexões sobre a luta política do cinema brasileiro diante das hegemonias estrangeiras e da falta de regras para a atuação das plataformas internacionais de streaming. Produtor de trajetória extensa, ele também é um realizador de olhar atento às alianças que sustentam a vida brasileira. Basta lembrar de “Prova de Fogo” (1980), “Aventuras de um Paraíba” (1982) e “Fonte da Saudade” (1986), filmes que investigam, cada qual a seu modo, as formas de resistência e solidariedade construídas por gente comum. Em “Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta”, sua parceria com Tainá De Luccas desloca esse olhar para uma dimensão ancestral, na qual a própria natureza deixa de ser cenário e passa a ser sujeito.

A existência de outros títulos disponíveis em plataformas ajuda a dimensionar o espaço que esse cinema precisa conquistar. “A Flor do Buriti”, de João Salaviza e Renée Nader Messora, também está na Netflix e oferece uma experiência fundamental sobre a memória, a resistência e a continuidade histórica do povo Krahô.